

AUTORA BESTSELLER DA SÉRIE OFF-CAMPUS

ELLE KENNEDY



SÉRIE BRIAR U

Há alturas em que é  
preciso correr riscos...

# O Desafio

TOP  
SEL  
LER

# 1

## Taylor

É sexta-feira à noite e eu estou a ver as mentes mais brilhantes da minha geração a deixarem-se destruir por shots de gelatina e misturas azuis servidas em baldes de 40 litros. Corpos transpirados contorcem-se *seminus*, frenéticos, hipnotizados por ondas subliminares de estimulação eletrónica. A casa está a abarrotar de estudantes de psicologia que exteriorizam o seu ressentimento parental para cima de incautos futuros gestores. Alunos de Ciência Política semeiam a ideia dos cheques de chantagem que irão passar daqui a dez anos.

Ou seja, a habitual festa da Greek Row.

— Já reparaste que a música de dança faz lembrar o som de bêbedos a pinar? — comenta a Sasha Lennox ao meu lado, num canto da sala, onde nos enfiámos entre o relógio de pêndulo e um candeeiro de pé para passarmos despercebidas no meio da mobília.

Ela percebe.

É o primeiro fim de semana a seguir às férias da Páscoa, o que significa a festa anual da Ressaca das Férias da Páscoa na nossa república Kappa Chi. Um dos muitos eventos a que eu e a Sasha nos referimos como divertimento obrigatório. Enquanto membros da Kappa devemos comparecer, ainda que isso implique uma presença mais decorativa do que funcional.

— Tipo, não seria tão ordinária se, pelo menos, tivesse uma melodia. Isto... — A Sasha franze o nariz, movendo a cabeça ao som

de uma sirene que retine no sistema de som *surround* seguida pela entrada estrondosa de outra ensurdecidora linha de baixo. — Isto é uma tática que a CIA costumava usar nas cobaias drogadas do MKUltra.

Sai-me uma gargalhada estrangulada, e quase me engasgo com um ponche qualquer que alguém tirou de uma receita do YouTube e que estou a beber há uma hora. A Sasha, estudante de Música, tem uma aversão quase religiosa a tudo o que não seja interpretado por instrumentos tocados ao vivo. Preferia estar na primeira fila de um concerto num bar rasca, escutando a reverberação de uma *Gibson Les Paul*, a estar sujeita ao intermitente caleidoscópio tecno de uma discoteca.

Isto não quer dizer que eu e a Sasha sejamos avessas à diversão. Gostamos de ir aos bares do *campus* e cantar no karaoke da cidade (bem, pelo menos ela, enquanto eu aplaudo na segurança da penumbra). Fogo, uma vez perdemo-nos no Boston Common às 3 horas da manhã, completamente sóbrias. Estava tão escuro que a Sasha caiu acidentalmente para dentro do lago e quase foi atacada por um cisne. Acreditem, sabemos divertir-nos.

Mas a prática ritual de universitários a encherem a cara de substâncias psicotrópicas até confundirem bebedeira com atração e inibição com personalidade não é a nossa ideia de divertimento.

— Atenção. — A Sasha toca-me com o cotovelo ao ouvir os gritos e assobios que chegam da entrada. — Vem aí confusão.

Uma onda de masculinidade despudorada irrompe pela porta da rua ao som de gritos de «*Briar! Briar!*».

Como uma horda de selvagens a invadir Castelo Negro, os imponentes golias da equipa de hóquei da Universidade Briar entram pela casa adentro, exibindo os ombros grandes e os peitos largos.

— Glória aos vitoriosos heróis — digo sarcasticamente, e a Sasha disfarça um sorriso cínico com o polegar.

A equipa de hóquei venceu o jogo desta noite, passando à primeira eliminatória do campeonato nacional. Sei disso porque a Linley, nossa colega da Kappa, namora com um dos jogadores

suplentes e estava no jogo a mandar mensagens em vez de estar aqui connosco a limpar casas de banho, a aspirar e a preparar bebidas para a festa. São os privilégios de namorar com a realeza. Embora um jogador suplente não seja propriamente o príncipe Harry, mas talvez alguém mais próximo de ser o filho, viciado em cocaína, de alguém que é íntimo do príncipe.

A Sasha tira o telemóvel da cintura das *leggings* justas a imitar cabedal e vê as horas.

Espreito para o ecrã e resmungo. Que seca, ainda só são 11 horas da noite? Já sinto uma enxaqueca a instalar-se.

— Não, isto é bom — diz ela. — Daqui a 20 minutos, aqueles brutamontes já acabaram com o barril de cerveja. A seguir, vão atacar o resto das bebidas. Diria que essa será a hora ideal para ir embora. Daqui a meia hora, no máximo.

A Charlotte Cagney, presidente da nossa república, não disse explicitamente quanto tempo teríamos de ficar para satisfazer a presença obrigatória. Geralmente, assim que acaba o álcool, as pessoas vão procurar outra festa e, nessa altura, é fácil esgueirarmo-nos sem ninguém ver. Com sorte, à meia-noite estarei de volta ao meu apartamento em Hastings e de pijama vestido. Conhecendo a Sasha, ainda há de ir procurar um concerto em Boston.

Juntas, somos as meias-irmãs proscritas da Kappa Chi. Chegámos às suas fileiras pelas nossas próprias razões parvas. No caso da Sasha, foi a família. A mãe, a avó, a bisavó e por aí fora foram todas Kappas, portanto nunca estive em causa que o percurso académico da Sasha não incluisse continuar o legado. Ou isso, ou dizer adeus a algo tão «frívolo e autoindulgente» como um curso de Música. Proveniente de uma família de médicos, as suas decisões são já altamente contestadas.

No meu caso, bem, sempre tive grandes expectativas de uma transformação universitária. De falhada do secundário a estrela da faculdade. Uma reinvenção. Uma mudança drástica de vida. O problema é que aderir aos seus clubes, usar as suas insígnias e supor as suas semanas de doutrinação sacramental não produziu os

efeitos desejados. Não se deu uma transformação brilhante e renovada. É como se toda a gente tivesse alinhado e visto tudo às cores e eu tivesse ficado às escuras sem ver absolutamente nada.

— Olá! — cumprimenta-nos um tipo de olhos vidrados, que cambaleia até ao lado da Sasha ao mesmo tempo que se dirige descaradamente às minhas mamas. Quando estamos lado a lado, eu e ela costumamos representar uma mulher totalmente desejável. A sua extraordinária simetria facial e corpo esguio e a minha enorme prateleira. — Querem beber?

— Estamos bem — grita a Sasha acima do pulsar da música. Ambas levantamos os copos quase cheios. Uma estratégia para manter universitários tarados à distância.

— Querem dançar? — pergunta ele a seguir, debruçando-se sobre o meu peito como se estivesse a falar para o guichê de um *drive-thru* de *fast food*.

— Desculpa — respondo —, elas não dançam.

Não sei se me ouve ou se compreende o meu desprezo, mas ele assente e afasta-se na mesma.

— As tuas mamas têm uma força gravitacional que só atraí otários — diz a Sasha, a rir-se.

— Nem fazes ideia.

Acordei um dia como se me tivessem aparecido dois enormes tumores no peito. Desde o 3.º ciclo que ando com estas coisas que chegam a todo o lado dez minutos antes de mim. Não sei qual de nós será um perigo maior para a outra, eu ou a Sasha. As minhas mamas ou a sua cara. Ela provoca agitação ao entrar na biblioteca. Há tipos a tropeçar em si mesmos para chegar ao pé dela, esquecendo-se do próprio nome.

Um estalido ensurdecador ecoa pela casa, fazendo toda a gente estremecer e tapar os ouvidos. À confusão segue-se o silêncio, enquanto os nossos tímpanos se afogam no eco persistente do zunido.

— A coluna foi-se! — grita uma das nossas colegas da sala ao lado.

A casa enche-se de vaias.

Segue-se uma agitação louca, com os membros da Kappa apressando-se a encontrar uma solução rápida para salvar a festa antes de os convidados impacientes se revoltarem. A Sasha nem tenta esconder o entusiasmo. Olha para mim com uma expressão reveladora de que, afinal, talvez seja possível sair mais cedo da festa.

Mas eis que aparece a Abigail Hobbes.

Vemo-la desfilar por entre a multidão compacta com um vestido preto minúsculo e o cabelo platinado encaracolado na perfeição. Ela bate as palmas e, numa voz capaz de cortar vidro, exige que toda a atenção se concentre nos seus lábios vermelho-vivos.

— Atenção, pessoal! Está na hora de jogar Desafio ou Desafio.

Ouvem-se aplausos em resposta e a sala enche-se de mais gente. O jogo é uma tradição conhecida da Kappa e é exatamente o que parece. Alguém nos desafia a fazer qualquer coisa e nós fazemos, sem a opção da verdade. Ocasionalmente divertido e muitas vezes brutal, já teve como consequências uma série de prisões, pelo menos uma expulsão e, segundo dizem, até alguns bebês.

— Agora vejamos... — A vice-presidente da nossa república leva um dedo ao queixo, mostrando as unhas cuidadas, e faz um círculo lento para analisar a sala, escolhendo a sua primeira vítima. — Quem poderá ser?

É claro que os seus olhos verdes e maléficos param exatamente onde eu e a Sasha estamos encostadas à parede. A Abigail aproxima-se de nós com pura malícia melíflua.

— Oh, querida — diz-me ela, com o olhar vidrado de alguém que já bebeu um pouco demais. — Relaxa, estás numa festa. Tens ar de quem acabou de descobrir que tem mais uma estria.

A Abigail é maldosa quando bebe e eu sou o seu alvo favorito. Estou habituada aos seus comentários, mas as gargalhadas que provoca nos outros quando goza com o meu corpo magoam-me sempre. Desde os 12 anos que as minhas curvas são a minha desgraça.

— Oh, querida — imita a Sasha, mostrando-lhe o dedo do meio com alarde. — E se fosses mas é à merda?

— Oh... vá lá — choraminga a Abigail com uma voz infantil. — A Tay-Tay sabe que estou só a brincar. — Pontua a frase espetando-me um dedo na barriga como se eu fosse a merda do boneco da Michelin.

— Boa sorte com a tua queda de cabelo, Abs.

Sou obrigada a morder o lábio inferior para não me rir do comentário da Sasha. Ela sabe que não sei lidar com o conflito e nunca se esquia à oportunidade de trocar provocações em minha defesa.

A Abigail responde com uma gargalhada sarcástica.

— Vamos jogar ou não? — pergunta a Jules Munn, compincha da Abigail. A morena alta aproxima-se de nós com um ar entediado. — O que é que se passa? A Sasha está outra vez a tentar safar-se de cumprir um desafio como na festa da Harvest Bash?

— Vai-te lixar — responde a Sasha. — Desafiaste-me a atirar um tijolo pela janela do reitor. Não ia deixar-me ser expulsa por causa de um jogo imaturo de uma república.

A Jules arqueia uma sobrancelha.

— Ela acabou de insultar uma tradição ancestral, Abs? Parece-me que sim.

— Insultou, pois. Mas não te preocupes, Sasha, é a tua oportunidade de te redimires — diz a Abigail com doçura, fazendo uma pausa a seguir. — Hum. Desafio-te a... — Ela vira-se para o seu público enquanto considera o desafio. A única coisa que pretende é atenção. Depois vira-se novamente para a Sasha. — Fazeres a Dobradinha e cantares a música da secção.

A minha melhor amiga ri-se e encolhe os ombros, como se dissesse, *Só isso?*

— De cabeça para baixo e de trás para a frente — acrescenta a Abigail.

A Sasha curva os lábios e parece rosnar-lhe, fazendo os rapazes presentes assobiarem, divertidos. Os gajos adoram ver miúdas à bulha.

— Como queiras. — Revirando os olhos, a Sasha dá um passo em frente e abana os braços como um pugilista aquecendo para um combate.

A Dobradinha é outra tradição das festas da Kappa, que envolve beber dois shots de uma bebida qualquer, dez segundos a beber cerveja por um funil e mais dez segundos a beber cerveja do barril de pernas para o ar. Até os consumidores mais resistentes raramente conseguem chegar ao fim do desafio. Acrescentar o pino no fim, a cantar a canção da Kappa de trás para a frente, é só a Abigail a ser uma cabra maldosa.

Porém, desde que não conduza à expulsão, a Sasha não é pessoa de fugir de um desafio. Apanha o cabelo preto grosso num rabo de cavalo e aceita um copo de shot que aparece vindo do nada, obediência bebendo um e depois outro. Aguenta a cerveja com uns tipos da Theta a segurar no funil, encorajada pelos gritos das pessoas à sua volta. Ao som de uma cacofonia de aplausos, consegue fazer o pino sobre o barril de cerveja enquanto um jogador de hóquei de 1,90m lhe segura as pernas no ar. Quando volta novamente à posição correta, todos ficam impressionados ao ver que é capaz de estar de pé, ainda por cima com cara de má e a aguentar-se firme. Esta miúda é uma guerreira.

— Afastem-se! — declara a Sasha, afastando as pessoas da parede do fundo.

Com um floreado de ginasta, lança os braços ao ar e faz uma espécie de roda, encostando as costas à parede na posição do pino. Altiava e confiante, canta o hino da nossa república de trás para a frente a plenos pulmões, com toda a gente feita estúpida a tentar acompanhar mentalmente para garantir que a letra está certa.

Assim que termina, a Sasha volta a pôr-se de pé com elegância e faz uma vénia ao seu público, que aplaude com estrondo.

— És um robô — digo a rir, enquanto ela se pavoneia até mim, descontraindo ao chegar ao nosso canto das falhadas. — A saída foi perfeita.

— Nunca falhei uma saída. — No primeiro ano, a Sasha esteve quase a qualificar-se para os Jogos Olímpicos como uma das melhores atletas de salto do mundo, até dar cabo do joelho ao escorregar no gelo, determinando o fim da sua carreira de ginasta.

Não querendo ser ofuscada, a Abigail fixa o olhar em mim.

— É a tua vez, Taylor.

Respiro fundo. O meu coração acelera. Já me sinto corar. A Abigail sorri perante o meu desconforto, como um tubarão que repara nas vibrações de uma foca a contorcer-se aflita. Preparo-me para a tarefa maléfica que está a engendrar para mim.

— Desafio-te a... — A Abigail passa os dentes pelo lábio inferior. Vejo a minha iminente humilhação no seu olhar antes sequer de ela abrir a boca. — Ires lá para cima com um rapaz à minha escolha.

Cabra.

Ouvem-se os assobios debochados dos homens que ainda assistem ao desenrolar desta demonstração de agressividade feminina.

— Vá lá, Abs. A violação não é um jogo. — A Sasha dá um passo em frente, escudando-me com o seu corpo.

A Abigail revira os olhos.

— Ai, não sejas tão dramática. Eu escolho alguém de jeito. Alguém com quem qualquer pessoa gostaria de suar. Até a Taylor.

*Por favor, meu Deus, não me obriguem a fazer isto.*

Para meu grande alívio, a ajuda chega sob a forma da Taylor Swift.

— Consegui! — grita uma colega da república no momento em que a música volta a invadir a casa.

A «Blank Space» da T-Swift suscita uma onda de aplausos entusiastas, desviando a atenção do jogo estúpido da Abigail. O pessoal dispersa imediatamente para ir buscar bebidas e voltar aos preliminares ritmados da dança.

*Obrigada, Taylor mais gira e magra.*

Para meu desespero, a Abigail não desiste.

— Hum, quem será o sortido...

Disfarço um gemido. Fui ingénua ao pensar que pudesse desistir. Uma vez que um desafio é lançado, qualquer rapariga da república que não conclua a tarefa o melhor possível é impiedosamente castigada até outra pobre coitada ter o azar de assumir o seu lugar. E, se a Abigail conseguisse o que queria, seriam três semanas infinitas.

Já tenho dificuldade em enturmar-me com as outras colegas. Isto tornar-me-ia uma pária.

Ela varre o olhar pela sala, em bicos de pés para espreitar sobre a cabeça das pessoas e avaliar bem as opções disponíveis. Um enorme sorriso aflora-lhe ao rosto quando volta a encarar-me.

— Desafio-te a seduzires o Conor Edwards.

Merda.

Grande merda.

Sim, eu sei quem é o Conor. Toda a gente sabe. Joga na equipa de hóquei e é presença habitual nas festas da Greek Row. Também é presença habitual nas camas das repúblicas da Greek Row. Mas o seu verdadeiro cartão de visita é ser, indiscutivelmente, o gajo mais giro do terceiro ano. O que significa que está completamente fora do meu alcance. Uma escolha perfeita, se o objetivo deste desafio for a minha total humilhação ao ser enfaticamente rejeitada por um tipo a rir-se na minha cara.

— A Rachel ainda está em Daytona — acrescenta a Abigail. — Podes usar o quarto dela.

— Abigail, por favor — digo, implorando-lhe que desista. Mas a minha súplica só a encoraja.

— Qual é o problema, Tay-Tay? Não me lembro de teres problemas em beijar outros rapazes nos desafios. Ou a tua tara é só enrolares-te com os namorados das outras?

Com a Abigail, tudo se resume sempre ao mesmo: vingança e o erro pelo qual me faz pagar todos os dias desde o segundo ano. Não importa quantas vezes peço desculpa, nem quão sinceramente me arrependo de a ter magoado, o propósito da minha vida é divertir a Abigail com o meu sofrimento.

— Devias ir ao médico ver essa putice furiosa — diz a Sasha.

— Oh, coitadinha da Taylor, é tão pudica. Não lhe virem as costas, que ela rouba-vos o homem — cantarola a Abigail. O seu gozo transforma-se em coro quando a Jules começa também a cantarolar.

A provocação faz-me sentir picadas atrás dos olhos e os dedos dormentes. Apetece-me enfiar-me num buraco. Desaparecer para

dentro da parede. Entrar em combustão espontânea e transformar-me em cinza na taça do ponche. Tudo menos ser eu, aqui, agora. *Odeio* atenção indesejada, e a sua provocação voltou a captar o olhar de vários rostos bêbedos à nossa volta. Mais uns segundos e toda a casa irá desatar a cantar sobre o facto de eu ser uma pudica, como uma cena horrível do meu pior pesadelo.

— Está bem, pronto! — vocifero. Só quero que parem com isto. Faço tudo para que se calem. — Como queiras. Eu aceito o desafio.

A Abigail sorri, triunfante. Só lhe falta babar-se.

— Então, vai buscar o teu homem — diz, estendendo uma mão graciosa atrás de si.

Mordo o lábio e sigo a direção do seu braço magro, vendo finalmente o Conor ao pé da mesa de *beer pong*, na sala de jantar.

Fogo, ele é alto. E tem uns ombros extremamente largos. Não consigo ver-lhe os olhos, mas vejo bem o perfil definido e o cabelo louro comprido afastado da testa. Ser-se tão bonito devia ser ilegal.

*Coragem, Taylor.*

Respirando fundo, acalmo-me e dirijo-me ao Conor Edwards, que não faz ideia do que o espera.

## 2

### Conor

O pessoal vai desgraçar-se todo esta noite. Só estamos na festa desta república há 20 minutos e o Gavin e o Alec já rasgaram as t-shirts com as mãos e andam a pavonear-se à volta da mesa de *beer pong* como dois bárbaros. Devo admitir que, depois de termos ganho o jogo dos *play-offs*, também eu me sinto bastante primitivo. Mais duas vitórias e chegamos ao Frozen Four. Embora ninguém o diga em voz alta com medo de agourar a equipa, sinto que este é o nosso ano.

— Con, chega aqui, ó palhaço! — O Hunter chama-me do outro lado da sala, onde ele e outros amigos nossos alinharam várias filas de shots. — Traz esses dois idiotas contigo.

Juntamo-nos aos nossos colegas de equipa, todos corados e cheios de adrenalina. Cada um pega num copo de shot enquanto o nosso capitão, o Hunter Davenport, faz um discurso. Nem sequer precisa de gritar, pois a música parou há cerca de dez minutos. Só vejo as miúdas da república em pânico, a correrem em direção à aparelhagem da sala.

O Hunter olha para nós.

— Só quero dizer que sinto um grande orgulho em todos nós pela forma como perseverámos enquanto equipa esta época. Ajudámo-nos uns aos outros e todos se esforçaram ao máximo. Só faltam dois, pessoal. Mais dois jogos e estamos na corrida. Assim, divirtam-se esta noite. Bora curtir. Depois voltamos a concentrar-nos para um último esforço.

Às vezes, não parece real. Eu, este desgraçado, numa faculdade da Ivy League, intrometendo-me entre os filhos bem-educados dos ricos e dos pais fundadores. Mesmo quando estou com os meus amigos, que são o mais próximo que alguma vez estive de ter uma família a seguir à minha mãe, às vezes, não consigo evitar olhar por cima do ombro. Como se a qualquer momento fossem perceber que não pertença aqui.

Depois do grito «hóquei da Briar!», bebemos os shots. O Bucky engole o seu e liberta um grito de guerra gutural que assusta toda a gente, até todos desatarmos a rir.

— Calma aí, seu assassino. Guarda isso para quando estiveres em campo — digo.

O Bucky não quer saber. Está demasiado eufórico. É jovem e insensato, e está cheio de más intenções esta noite. Há de fazer alguma miúda muito feliz, tenho a certeza.

Por falar em miúdas, não demora muito até que estas se reúnam em volta da mesa de *beer pong*, assim que começamos outro jogo. Desta vez, é o Hunter e a namorada Demi contra mim e o Foster. E a namorada do Hunter joga sujo. Acabou de despir o *hoodie* de fecho e está só com uma camisola de alças branca fininha sobre um sutiã preto, que usa para efeitos estratégicos, puxando as mamas para cima, evidenciando-as, como manobra de diversão. E está a resultar. O Foster fica encandeado com as mamas e o seu remate falha completamente a mesa.

— Foda-se, Demi — resmungo —, tapa-me essas coisas.

— O quê, isto? — Ela agarra nas mamas e empurra-as quase até ao pescoço, na pior tentativa de parecer inocente.

O Hunter consegue enfiar facilmente a bola num dos nossos copos.

A Demi pisca-me o olho.

— Desculpa, mas não me arrependo.

— Se a tua namorada quiser tirar a camisola, concedo já o jogo — diz o Foster, tentando provocar o Hunter.

Ele é demasiado fácil. Com o modo homem das cavernas ativado, o Hunter despe a t-shirt e veste-a à Demi, que fica a parecer que tem um vestido largo.

— Olha para os copos, otário!

Disfarço uma gargalhada, decidindo não mencionar que a Demi Davis ficaria gira mesmo que estivesse a usar um saco de serapilheira. Houve uma altura em que podia ter-me enrolado com ela, mas, mesmo antes de o próprio Hunter saber, dava para ver que o nosso capitão de equipa estava já caidinho pela miúda. Os dois é que demoraram um pouco mais a perceber.

Até agora, as minhas perspetivas para esta noite não são famosas. Miúdas giras, sim. Quando remato e acerto num dos copos do Hunter e da Demi, vejo uma morena que só falta trepar por mim acima e dar-me um beijo no pescoço. Mas estas miúdas têm uma energia ansiosa e, até agora, nenhuma conseguiu convencer-me.

Verdade seja dita, todas as mulheres começam a confundir-se na minha cabeça. Desde que vim para a Briar, no outono passado, dormi com muitas raparigas. Abalar o mundo de uma mulher, fazê-la sentir-se especial, é um talento meu. No entanto, e seria gozado à força toda se admitisse uma coisa destas à frente dos meus amigos, nenhuma das miúdas com quem me envolvo se dá ao trabalho de *me* fazer sentir especial. Algumas fingem querer conhecer-me, mas, para a maioria, sou apenas uma conquista, um troféu reluzente para esfregar na cara invejosa das amigas. Metade das vezes, nem sequer tentam fazer conversa de circunstância. Limitam-se a enfiar a língua pela minha garganta abaixo e as mãos nas minhas calças.

No mínimo, ofereçam-me flores. Ou, caramba, comecem por contar uma boa piada. Enfim, é o que é.

Também não ando à procura de uma relação. Posso divertir-me com uma mulher durante uma noite ou uma semana, talvez até um mês, mas ambos estamos perfeitamente cientes de que não sou uma opção a longo prazo para ninguém. O que não faz mal. Aborreço-me facilmente, e as relações são o epítome do aborrecimento.

Mas esta noite sinto-me igualmente aborrecido com o desfile de miúdas que passa pela mesa de *beer pong*. Todas exibem os mesmos sorrisos tímidos enquanto, de forma nada inocente, roçam a parte lateral das mamas no meu braço. Neste momento, não me sinto

motivado por nenhuma destas raparigas. Estou farto deste ritual de acasalamento repetitivo que acaba sempre da mesma maneira. Já nem sequer tenho de andar atrás delas, e isso é metade da diversão.

Quando a música regressa, ouve-se uma ronda de aplausos pela casa. Uma miúda tenta aproveitar o momento, puxando-me para dançar, mas abano a cabeça e tento voltar a concentrar-me no jogo, o que se revela um pouco difícil, pois uma confusão no relvado da frente chama agora a atenção de todos à janela. O Foster, distraído, falha completamente o remate, e estou prestes a repreendê-lo quando a minha visão periférica capta um movimento indistinto.

Viro-me para a sala de estar e vejo uma rapariga loura assustada, com ar de pânico, precipitando-se na nossa direção. Como um coelho fugindo para a segurança da toca depois de ver uma raposa esfomeada. Inicialmente, parece que vai correr até à janela para ver o que raio se passa lá fora, mas é então que acontece algo verdadeiramente bizarro.

Ela aproxima-se de mim, agarra-me no braço e puxa-me para baixo, para poder falar-me ao ouvido.

— Desculpa o que vai acontecer, vais pensar que sou completamente doida, mas preciso da tua ajuda, por isso, por favor, alinha — balbucia ela, tão depressa que tenho dificuldade em acompanhar. — Preciso que vás comigo lá acima e finjas que vamos enrolar-nos, mas não quero tocar-te no pénis nem nada do género.

Nem nada do género?

— É um desafio estúpido. Fico a dever-te um grande favor, se puderes ajudar-me — sussurra rapidamente. — Prometo que não te dificulto a vida.

Admito que estou intrigado.

— Então, se percebi bem, não queres enrolar-te comigo? — sussurro de volta, incapaz de disfarçar o riso.

— Não. Quero fingir que o faço.

Pronto. Seguramente, já não me sinto aborrecido.

Olhando bem para ela, tem uma cara bonita. Não é uma brasa como a Demi, mas é gira. Já o corpo... Foda-se. Parece uma *pinup*.

Escondido sob uma camisola larga, que descai num dos ombros, está um par de mamas onde podia passar a noite a enfiar o pau. Espreito-lhe para o rabo e não resisto a imaginá-la de quatro em cima da minha cama.

Porém, tudo desaparece quando a vejo olhar para mim com uns olhos turquesa suplicantes e sinto o meu coração partir-se. Teria de ser um grande otário para virar costas a uma mulher tão desesperada por ajuda.

— Alec — chamo, sem tirar os olhos da *pinup*.

— Yo — responde o meu colega de equipa.

— Fica com o meu lugar. Dá cabo do capitão e da sua namorada maléfica.

— É para já.

Ouçó os risos cúmplices do Hunter e do Foster, assim como a gargalhada sonora da Demi.

O olhar inseguro da loura fixa-se na mesa de *beer pong*, onde o Alec tomou o meu lugar.

— Isso é um sim? — murmura ela.

Em resposta, prendo-lhe umas madeixas de cabelo atrás da orelha e encosto os lábios à sua pele para falar. Pois seja quem for que está a torturar esta pobre rapariga estará de certeza a ver-nos neste momento e bem pode ir à merda.

— Vai tu à frente, miúda.

Ela arregala os olhos e, por instantes, parece que o seu disco rígido crachou. Não é a primeira vez que acontece na minha presença. Pego-lhe na mão e, deixando suspiros chocados à nossa passagem, guio-a por entre o labirinto de corpos espalhados por todo o lado. A verdade é que conheço bem os cantos à casa.

Enquanto subimos as escadas, sinto os olhares que nos seguem. Ela vai-me apertando a mão com mais força, à medida que o seu cérebro reinicia. No primeiro andar, puxa-nos para um quarto que ainda não conheço e tranca a porta atrás de nós.

— Obrigada — diz, respirando de alívio, assim que estamos sozinhos.

— Na boa. Importas-te que me ponha confortável?

— Hum, sim. Quero dizer, não. Não me importo. Senta-te, se quiseres. Ou... ah, boa, estás deitado.

Sorrio perante o seu evidente nervosismo. É fofo. Enquanto estico o meu corpo de 1,87m no meio dos animais de peluche e almofadas decorativas que estão em cima da cama, ela mantém o ar de coelho assustado, encostada à porta e a respirar com dificuldade.

— Honestamente — digo, entrelaçando as mãos atrás da cabeça —, nunca vi uma rapariga tão infeliz por estar trancada num quarto comigo.

O comentário produz o efeito desejado, fazendo-a descontraír os ombros e até provocando um sorriso envergonhado.

— Não duvido.

— Sou o Conor, já agora.

Ela revira os olhos.

— Sim, eu sei.

— Porque é que reviraste os olhos? — pergunto, fingindo-me magoado.

— Desculpa, não foi com intenção. Só que... Sei quem és. Tipo, és famoso na faculdade.

Quanto mais olho para ela, as mãos ao longo do corpo encostado à porta, um joelho fletido, o cabelo louro-sujo ligeiramente despen-teado caído sobre um dos ombros, não consigo resistir a imaginar-me agarrando-lhe os braços acima da cabeça enquanto exploro o seu corpo com a boca. A sua pele dá vontade de beijar.

— Taylor Marsh — balbucia, e eu dou conta de que não sei quanto tempo ficámos em silêncio.

Afasto-me até à beira da cama e ponho uma almofada ao meu lado como divisória.

— Vá. Já que vamos ficar aqui um bocado, pelo menos, vamos travar amizade.

A Taylor ri-se, soltando uma respiração e libertando um pouco mais de tensão. Tem um sorriso bonito. Luminoso, afável. No entanto, preciso de a convencer um pouco mais para que se junte a mim na cama.

— Não estou a fazer-me a ti — diz, alinhando bonecos de peluche como se fossem guardas a patrulhar o muro de almofadas entre nós. — Não sou nenhuma maluca que engana os homens a irem para a cama consigo e depois os ataca.

— Claro. — Assinto com uma seriedade trocista. — Mas um ataquezinho não faria mal nenhum.

— Não. — Ela abana a cabeça com bastante entusiasmo, e penso que talvez tenha conseguido deixá-la mais à vontade. — Nada de ataques. Prometo portar-me bem.

— Então diz-me, porque haveria alguém, supostamente tua amiga, de te colocar no que é claramente uma situação desagradável?

A Taylor liberta um longo suspiro, pegando numa tartaruga de peluche que aperta contra o peito.

— Porque a Abigail é uma cabra de primeira. Odeio-a tanto.

— Porquê? O que é que aconteceu entre vocês?

Ela olha para mim com um ar duvidoso, claramente a debater se pode confiar em mim.

— Podes confiar em mim — digo. — Isto é um lugar seguro.

Ela revira os olhos, mas esboça um sorriso brincalhão.

— No ano passado houve uma festa destas. Fui desafiada a ir ter com um tipo qualquer e enrolar-me com ele.

Rio-me.

— Estou a ver que há um padrão.

— Sim, bem, também não estava entusiasmada nessa altura. Mas é a cena delas. Das raparigas da república. Sabem que abordar rapazes me inibe e adoram brincar com as minhas inseguranças. As mais cabras, pelo menos.

— As raparigas são tão cruéis.

— Meu, não fazes ideia.

Ajeito-me na cama de modo a encará-la.

— Está bem, continua. Tinhas de te enrolar com um gajo.

— Certo, o problema é que... — Ela mexe num dos olhos de plástico da tartaruga, torcendo-o entre os dedos. — Fui ter com a primeira pessoa que me pareceu não estar bêbeda a ponto de me vomitar

para cima, agarrei-lhe na cara, dei-lhe um beijo e, pronto, enfim, fechei os olhos e deixei-me ir.

— Como se costuma fazer.

— Bem, quando me afastei, vi a Abigail. A olhar para mim como se eu tivesse acabado de lhe cortar o cabelo enquanto dormia. Completamente furiosa. Aparentemente, o tipo cuja boca eu ataquei era o seu namorado.

— Porra, T. Que brutalidade.

Pestaneando os seus desamparados olhos de um azul caribenhinho, a Taylor faz beicinho. Enquanto fala, fico obcecado com o sinal que tem na bochecha direita, estilo Marilyn Monroe.

— Eu não sabia! A Abigail troca de namorados como quem troca de marca de cereais. Não acompanho a sua vida amorosa.

— Quer dizer que não reagiu bem — digo.

— Passou-se dos carros. Fez uma cena na festa. Ficou sem me falar durante semanas e, depois, passou a dirigir-me só comentários sarcásticos e insultos. Somos basicamente inimigas desde então, e agora ela aproveita todas as oportunidades para me humilhar. Daí a proposta indecente desta noite. A Abigail estava a contar que me rejeitasses de maneira espetacular.

Fogo. Sinto-me mal por esta rapariga. Os homens são uns imbecis. Mesmo na equipa, arranjamos sempre forma de fazer disparates para nos tramarmos uns aos outros, mas é tudo na brincadeira. Esta rapariga, a Abigail, é outra coisa. Desafiar a Taylor a engatar um desconhecido na esperança de ser brutalmente rejeitada e humilhada à frente de toda a gente... *isso* é que é uma brutalidade.

Uma sensação irracional de proteção começa a latejar-me na barriga. Não sei muito sobre ela, mas a Taylor não me parece o tipo de rapariga capaz de trair uma amiga tão friamente.

— O pior é que, antes disso, éramos realmente amigas. Ela foi a minha aliada mais próxima na semana da praxe, no primeiro ano. Quase desisti uma dezena de vezes, e foi ela quem me ajudou a aguentar. Mas, depois de me mudar para fora do *campus*, acabámos por nos afastar.

O som de vozes à porta do quarto chama a atenção da Taylor. Olho para lá e franzo o sobrolho ao reparar no movimento de sombras por baixo da porta.

— Argh. É ela — resmungo. Já consigo reconhecer o som do medo na sua voz. Ela empalidece e a pulsação fica visível no seu pescoço. — Merda, estão a tentar ouvir.

Resisto à tentação de gritar ao nosso público que vá dar uma volta. Se o fizer, a Abigail e companhia irão saber que eu e a Taylor não estamos a fazer coisas indecentes, senão estaríamos absolutamente focados um no outro e não na porta do quarto. Ainda assim, aquelas intrometidas de merda precisam de aprender uma lição. E, embora não possa resolver o problema da Taylor com estas raparigas, posso ajudá-la esta noite.

— Espero que estejam com atenção — declaro, com um sorriso endiabrado.

Depois ponho-me de joelhos e agarro na cabeceira da cama com as duas mãos. A Taylor olha para mim desconfiada, mas limito-me a sorrir novamente, começando a impelir o corpo para a frente, empurrando a cabeceira contra a parede.

*Pum.*

*Pum.*

*Pum.*

— Foda-se, miúda, és tão apertada — gemo, demasiado alto.

A Taylor leva a mão à boca. As suas sobrancelhas louro-escuras sobem-lhe pela testa acima.

— Sabes tão bem!

A parede treme a cada investida contra a cabeceira da cama. Salto de joelhos, fazendo a estrutura da cama chiar em protesto. Todos os barulhos necessários para evidenciar um bom bocado.

— O que é que estás a fazer? — sussurra ela, com um ar horrorizado, mas divertido.

— A dar espetáculo. Não me deixes na mão, T. Vão pensar que estou a bater uma.

Ela abana a cabeça. Coitadinha da coelhinha aterrorizada.

— Ah, foda-se, miúda, calma, assim vou-me vir!

Quando penso que talvez tenha exagerado, a Taylor atira a cabeça para trás, fecha os olhos e faz o som mais *sexy* que já ouvi uma mulher fazer sem eu estar dentro dela.

— Argh, aí mesmo. Aí mesmo — diz. — Oh, meu Deus, estou quase. Não pares. Não pares.

Perco o ritmo, rindo histericamente. Estamos vermelhos como dois tomates, em convulsões na cama.

— Hmmm, é isso, miúda. É bom?

— Tão bom — geme. — Não pares. Mais depressa, Conor.

— Gostas assim?

— Adoro.

— Ah, sim?

— Sim, vai-me ao cu! — implora.

Caio e bato com a testa na merda da cabeceira. Fico especado a olhar para ela.

— O que é? Foi demais? — pergunta, arregalando os olhos, com ar inocente.

Esta miúda não existe.

— Sim, acalma-te um bocadinho — digo, rouco.

Mas não conseguimos parar de rir, tornando-se cada vez mais difícil respirar e continuar com os gemidos lascivos. Após talvez mais tempo do que o necessário, abrandamos. Ainda a sacudir-se de riso, a Taylor enfia a cabeça nas almofadas, ficando com o rabo no ar, e, de repente, não consigo lembrar-me porque estávamos apenas a fingir.

— Foi bom para ti? — pergunto, deitando-me de costas. Tenho o cabelo húmido de suor e afasto-o dos olhos, enquanto a Taylor se deita ao meu lado.

Olha para mim com um olhar que ainda não lhe vi esta noite, fitando-me sob as pálpebras pesadas, os lábios vermelhos e inchados de tanto os morder ao gemer. Há uma profundidade por trás da sua máscara, abismos fascinantes que estou cada vez mais ansioso por explorar. Por um breve momento, parece-me que quer que a beije. Depois pestaneja e o momento passa.

— És um tipo decente, Conor Edwards.

Já me chamaram pior. Não significa que não repare na delícia absoluta do seu decote quando ela se vira de lado para olhar para mim.

— Foi o melhor sexo a fingir que já fiz — digo, solenemente.

Ela ri-se.

Passo o olhar sobre o seu rosto corado, a sua pele perfeita e luminosa. Depois volto a olhar para o seu decote incrível. Sei o que ela vai dizer antes sequer de lhe perguntar, mas, ainda assim, escapa-me.

— Então, queres dar uns amassos?

# 3

## Taylor

Ele não está a falar a sério. Sei que não. Atirar-se a mim depois da nossa *performance* é apenas o Conor a tentar fazer-me sentir melhor em relação a uma situação de merda. Mais uma prova de que, sob o cabelo louro comprido, olhos azul-acinzentados e corpo esculpido, está um coração sensível. O que é mais uma razão para dar de frosques antes que comece a sentir alguma coisa. Porque o Conor Edwards é absolutamente o tipo por quem nos apaixonamos até percebermos que raparigas como eu não conquistam rapazes como ele.

— Desculpa, combinámos que não haveria ataques — digo, com firmeza.

Ele esboça um meio-sorriso enigmático que faz o meu coração disparar.

— Não me leves a mal por tentar.

— Enfim. Foi giro — digo, levantando-me da cama —, mas devia...

— Espera lá. — O Conor agarra-me na mão. Uma onda de energia ansiosa sobe-me pelo braço e arrepia-me a nuca. — Disseste que ficavas a dever-me um favor, certo?

— Certo — confirmo, desconfiada.

— Bem, vou cobrar o favor. Só estamos aqui há cinco minutos. Não posso deixar as pessoas que estão lá em baixo pensarem que não sei dar prazer a uma mulher. — Ele ergue uma sobrancelha. — Fica um bocadinho. Ajuda-me a manter a minha reputação intacta.

— Não precisas de mim para proteger o teu ego. Não te preocupes, toda a gente vai assumir que te aborreceste de estar comigo.

— É verdade que me aborreço com facilidade — concorda —, mas estás com sorte, T. A última coisa que sinto neste instante é aborrecimento. Há muito tempo que não falava com alguém tão interessante.

— É porque não sais muito — gozo.

— Vá lá — insiste —, não me faças voltar já lá para baixo. O ambiente está demasiado ansioso. Todas as miúdas se comportam como se eu fosse a último bife do talho.

— As mulheres clamam pela tua atenção? Coitadinho. — Embora esteja a tentar não pensar nele como um naco de carne, não posso negar que é um belíssimo exemplar. É, sem dúvida, o homem mais bonito que já vi na vida. Já para não dizer o mais *sexy*. Ele continua a agarrar-me na mão, e a posição do seu corpo evidencia tentadoramente todos os músculos do seu braço esculpido.

— Vá lá, fica a falar comigo.

— E os teus amigos? — relembro.

— Vejo-os todos os dias nos treinos. — Ele faz uma carícia circular com o polegar no interior do meu pulso e fico perdida. — Taylor. Por favor, fica.

Isto é uma péssima ideia. Este é o momento que vou recordar daqui a um ano depois de ter mudado de nome, pintado o cabelo e começado a ser conhecida por Olga num restaurante em Schenectady. Mas o seu olhar suplicante, a sua pele sobre a minha não me deixam ir embora.

— Está bem. — Nunca tive hipótese contra o Conor Edwards. — Só para falar.

Voltamos a sentar-nos na cama, a fortaleza de almofadas entre nós já desmantelada pelos saltos e sacudidelas. E pelo encanto do Conor. Ele pega na tartaruga de peluche que foi parar aos pés da cama e pouasa-a na mesa de cabeceira. Agora que penso nisso, não sei se alguma vez aqui estive. O quarto da Rachel é... intenso. Como se uma rapariga VSCO e uma mãe que escreve num blogue tivessem vomitado para cima de uma princesa da Disney.

— Ajuda-me a conhecer-te. — O Conor cruza os braços *sexy* sobre o peito. — Este não é o teu quarto, ou é?

— Não, tu primeiro — insisto. Se vou fazer-lhe a vontade, tem de haver alguma reciprocidade. — Sinto que monopolizei a conversa. Ajuda-me a conhecer-te a *ti*.

— O que é que queres saber?

— Qualquer coisa. Tudo. — *Como és todo nu...* Mas não, não posso perguntar uma coisa dessas. Posso estar numa cama com o tipo mais giro da faculdade, mas vamos permanecer vestidos. Especialmente eu.

— Ah, bem... — O Conor descalça os sapatos, atirando-os para o chão. Estou prestes a dizer-lhe que não vamos ficar assim tanto tempo, mas ele continua a falar. — Jogo hóquei, mas acho que já sabias.

Aceno que sim com a cabeça.

— Fui transferido para aqui de L.A. no semestre passado.

— Ah, pronto. Isso explica muita coisa.

— Ah, sim? — Ele finge-se ofendido.

— Não no mau sentido. Tu és o estereótipo autêntico do *surfista*, mas é uma imagem que te favorece.

— Vou aceitar o elogio — diz, dando-me uma cotovelada nas costelas.

Ignoro o ligeiro arrepio que me provoca o peito. O seu comportamento brincalhão é demasiado atraente.

— Como é que um rapaz da Costa Oeste acabou a jogar hóquei, com tanto desporto que há por aí?

— Também se joga hóquei na Costa Oeste — diz, num tom neutro. — Não é exclusivo da Costa Leste. Também joguei futebol no secundário, mas o hóquei era mais divertido e eu jogava melhor.

— E o que te fez mudar para leste? — Os invernos aqui são um gosto adquirido. Tivemos uma colega no primeiro ano que aguentou seis dias com neve pelo joelho e apanhou um avião de volta para Tampa. Tivemos de lhe enviar as suas coisas pelo correio.

Algo atravessa o rosto do Conor. Por instantes, os seus olhos cinzentos ficam desfocados, distantes. Se o conhecesse melhor, diria

que toquei num ponto sensível. Quando responde, a sua voz perdeu alguma da leveza anterior.

— Precisava de mudar de ares. Surgiu a oportunidade de vir para a Briar e eu aproveitei. Estava a viver em casa dos meus pais, percebes, e estava a tornar-se um pouco insuportável.

— Tens irmãos?

— Não, durante muito tempo vivi só com a minha mãe. O meu pai deixou-nos quando eu tinha 6 anos.

A compaixão suaviza o meu tom de voz.

— Isso é horrível. Lamento.

— Ná, não te preocupes. Mal me lembro dele. A minha mãe casou com outro gajo, o Max, há cerca de seis anos.

— E vocês não se dão bem?

Ele suspira, encosta-se mais às almofadas e olha para o teto. Uma ruga de irritação forma-se na sua testa. Sinto-me tentada a voltar atrás, a dizer-lhe que não precisa de falar sobre o assunto e que não era minha intenção intrometer-me. Vejo que o tema o incomoda, mas ele continua.

— Ele é fixe. Quando eles se conheceram, eu e a minha mãe morávamos numa casa arrendada um bocado manhosa. Ela trabalhava 60 horas por semana como cabeleireira para nos sustentar. E eis que apareceu um empresário rico e elegante que nos afastou da nossa vida miserável para Huntington Beach. Tipo, nem consigo descrever quão melhor cheirava o ar. Foi a primeira coisa em que reparei. — Com um sorriso autodepreciativo, ele encolhe os ombros. — Troquei a escola pública pela privada. A minha mãe reduziu o horário de trabalho e acabou por se despedir. Mudámos a nossa vida completamente. — Há uma pausa. — Ele é bom para ela. Ela é tudo para ele. Mas eu e ele não nos damos muito bem. O brinde era ela; eu era só a caixa de cereais rançosos que ficou esquecida no armário.

— Não és cereais rançosos — digo. Qualquer criança que cresça a pensar assim parte-me o coração. Pergunto-me se terá sido a sua personalidade descontraída e tranquila que o terá ajudado a sobreviver

ao trauma de se sentir abandonado. — Há pessoas que não têm jeito para lidar com crianças, sabes?

— Já. — Ele assente, com uma expressão forçada, e ambos sabemos que esta não é uma ferida capaz de sarar com meras frases feitas.

— Também sempre vivi só com a minha mãe — digo, mudando de assunto para afastar o desânimo que se abate sobre o Conor como uma sombra. — Fui o resultado de uma noite ardente.

— OK. — O olhar do Conor ilumina-se. Ele vira-se de lado para me encarar e apoia a cabeça numa das mãos. — Agora estamos a fazer progressos.

— Ah, sim, a Iris Marsh era uma certinha na rua e uma devassa toda nua.

O seu riso rouco provoca-me novo arrepio. Tenho de parar de estar tão... *atenta* a ele. Como se o meu corpo estivesse sintonizado na sua frequência e reagisse a todos os seus movimentos, todos os seus sons.

— A minha mãe é professora de Ciência e Engenharia Nucleares no MIT e, há 22 anos, conheceu um cientista russo famoso numa conferência em Nova Iorque. Tiveram um único interlúdio romântico, e depois ele voltou para a Rússia e a minha mãe voltou para Cambridge. Seis meses mais tarde, leu no *Times* que ele morrera num acidente rodoviário.

— Porra. — O Conor levanta a cabeça. — Achas que o teu pai, tipo, foi assassinado pelo governo russo?

Rio-me.

— O quê?

— Pá, e se o teu pai andava metido em cenas de espões? E o KGB descobriu que ele era agente da CIA e limparam-lhe o sebo?

— Limparam-lhe o sebo? Acho que estás a confundir eufemismos. A máfia é que limpa o sebo às pessoas. E não sei se o KGB ainda existe.

— Claro, é isso que querem que penses. — Ele arregala os olhos. — Calma, e se tu fores uma agente russa infiltrada?

Tenho de admitir que tem uma imaginação ativa. Ao menos, está mais animado.

— Bem — digo, pensativa —, a meu ver, pode significar uma de duas coisas: tornando-me consciente desse facto, estaria marcada para morrer.

— Foda-se. — Com uma agilidade impressionante, o Conor salta da cama e espreita pela janela de forma cómica, fechando as persianas de seguida e apagando a luz.

Ficamos os dois apenas iluminados pela luz de presença da tartaruga da Rachel e pelo brilho dos candeeiros de rua que atravessa os intervalos das persianas.

Rindo, o Conor volta a subir para a cama.

— Não te preocupes, miúda, eu protejo-te.

— Ou, segunda hipótese, teria de te matar porque descobriste o meu segredo. — Esboço um sorriso.

— Ou, *ou*, ouve lá: contratas-me como o teu parceiro giraço responsável pela segurança e fazemo-nos à estrada como mercenários.

— Hum. — Finjo analisá-lo, enquanto delibero. — É uma proposta tentadora, camarada.

— Mas, primeiro, devíamos fazer uma revista íntima um ao outro para ver se nenhum de nós tem escutas. Enfim, para estabelecer confiança.

Ele é adorável, parece um cachorrinho sôfrego.

— Pois, não vai acontecer.

— És uma seca.

Não consigo perceber este gajo. É querido, encantador, engraçado; todas as qualidades dissimuladas nos homens que nos levam a acreditar que podemos transformá-los em pessoas civilizadas. Mas, ao mesmo tempo, é ousado, genuíno e totalmente desprezioso como quase ninguém é na faculdade. Andamos todos aos tropeções pela nossa autodescoberta enquanto tentamos parecer corajosos. E como é que isso encaixa na lenda do Conor Edwards? O homem com mais mossas no *stick* de hóquei do que flocos de neve em janeiro. Quem será o verdadeiro Conor Edwards?

E porque é que isso me interessa?

— Então e... estás a estudar o quê? — pergunto, sentindo-me um cliché.

Ele encosta a cabeça para trás e sopra.

— Finanças, acho eu.

OK, não é o que esperava.

— Achas tu?

— Não me sinto particularmente motivado. Não foi ideia minha.

— De quem foi?

— Do meu padrasto. Meteu na cabeça que vou trabalhar para ele quando acabar o curso. Aprender a gerir a sua empresa.

— Não pareces estar *stoked* com isso — digo, usando a gíria do surf. Ele ri-se.

— Não, nada *stoked* — concorda. — Preferia que me pendurassem pelos tomates a ter de vestir um fato e passar o dia a olhar para folhas de cálculo.

— O que preferias estar a estudar?

— O problema é esse. Não faço ideia. Acho que aceitei ir para Finanças porque não arranjei uma desculpa melhor. Não consegui fingir que tinha outro interesse, portanto...

— Nada? — insisto.

No meu caso, senti-me dividida entre tantas possibilidades. É verdade que algumas eram ainda fantasias infantis de querer ser arqueóloga ou astronauta, mas, mesmo assim, quando chego a hora de decidir o que queria fazer para o resto da vida, opções não me faltaram.

— A minha educação não me permitiu alimentar grandes esperanças — diz, bruscamente. — Achei que acabaria a receber o salário mínimo num emprego em que teria de usar uma etiqueta com o meu nome, ou na prisão, em vez de ir para a faculdade. Por isso, nunca pensei muito no assunto.

Não consigo imaginar o que é olharmos para o nosso futuro e não termos esperança em nós. Faz-me perceber o quanto sou privilegiada por ter crescido a pensar que podia ser tudo o que quisesse, sabendo que financeiramente isso seria possível.

— Na prisão? — Tento aligeirar o ambiente. — Não te menosprezes tanto, amigo. Com essa cara e esse corpo, terias arrasado na pornografia.

— Gostas do meu corpo? — Ele sorri, apontando para a sua figura longa e musculada. — É todo teu, T. Podes subir a bordo.

Fogo, quem me dera. Engulo em seco e finjo que a sua aparência não me impressiona.

— Dispenso.

— Tu é que sabes, *amiga*.

Reviro os olhos.

— E tu? — pergunta. — Estás a estudar o quê? Não, espera. Deixa-me adivinhar. — O Conor semicerra os olhos, perscrutando-me o rosto em busca da resposta. — História da Arte.

Abano a cabeça.

— Jornalismo.

Abano a cabeça outra vez.

— Hum... — Ele olha-me mais atentamente, mordendo o lábio. Que boca mais *sexy*. — Diria Psicologia, mas conheço uma dessas raparigas e tu não és como ela.

— Ensino Básico. Quero ser professora.

Ele ergue uma sobrancelha e olha para mim com um olhar quase... faminto.

— Que delícia.

— Delícia porquê? — pergunto, incrédula.

— Todos os homens têm a fantasia de pinar com uma professora. É real.

— Os rapazes são tão esquisitos.

O Conor encolhe os ombros, mas o seu olhar faminto cora-lhe o rosto.

— Diz-me uma coisa... porque é que não estás aqui com alguém?

— Como assim?

— Não tens um namorado algures?

É a minha vez de fugir ao assunto. Talvez tivesse mais a dizer sobre têxteis do século XIII do que sobre namorados. E, como já me

humilhei o suficiente para uma noite, preferia não fazer crescer a minha humilhação partilhando os detalhes da minha inexistente vida amorosa.

— Então há uma história — diz o Conor, confundindo a minha hesitação com timidez. — Conta lá.

— E tu? — Volto a virar a conversa. — Ainda não te decidiste por aquela fã especial?

Ele encolhe os ombros, não se deixando incomodar pela minha provocação.

— Não sou gajo de namoradas.

— Esse comentário é um bocado nojento.

— Não, só quero dizer que nunca namorei com ninguém mais do que umas semanas. Se não resulta, não resulta, percebes?

Conheço o género. Aborrece-se facilmente. Está constantemente a olhar por cima do ombro à espera de que passe a próxima. Um meme em pessoa.

Já imaginava. Os mais bonitos estão sempre ansiosos pela sua liberdade.

— Não penses que me distraíste — diz ele, esboçando um sorriso cúmplice. — Responde à pergunta.

— Desculpa desiludir-te. Não há namorados. Não há história. — Um envolvimento desinteressante no segundo ano que mal cumpre a definição de relacionamento é demasiado patético para ser mencionado.

— Anda lá. Não sou tão burro como pareço. O que é que aconteceu, partiste-lhe o coração? Ele passou seis meses a dormir no passeio em frente à república?

— Porque é que assumes que sou o tipo de rapariga por quem um gajo sofreria à chuva e granizo?

— Estás a gozar? — Os seus olhos prateados olham-me de cima a baixo, demorando-se em várias partes do meu corpo antes de regressarem aos meus olhos. Sinto um formigueiro em todos os sítios para onde ele olhou. — Miúda, tu tens o tipo de corpo com que os rapazes fantasiam à noite debaixo dos lençóis.

— Não faças isso — digo, sentindo a boa-disposição desvanecer da minha voz ao virar a cara. — Não gozes comigo. Não é fixe.

— Taylor.

Ele pega-me na mão e eu sobressalto-me, ficando numa posição que nos permite ficar de frente um para o outro. A minha pulsação dispara e ele encosta a minha mão trémula ao seu peito. O seu corpo é quente, firme. O seu coração bate a um ritmo rápido e constante sob a palma da minha mão.

Estou a tocar no peito do Conor Edwards.

O que raio está a acontecer?

Nunca teria imaginado a festa da Ressaca das Férias da Páscoa da Kappa Chi a acabar assim.

— Estou a falar a sério. — A sua voz adensa-se. — Estive aqui sentado toda a noite a ter pensamentos indecentes sobre ti. Não confundas a minha educação com indiferença.

Um sorriso relutante aflora-me aos lábios.

— Educação, hã? — Não sei se acredito nele. Ou que um pensamento pornográfico comigo constitua um elogio. Embora o que conte seja a intenção.

— A minha mãe não educou um sem-vergonha, mas, se quiseses, posso ser muito impróprio.

— O que é que se considera impróprio na Costa Oeste? — pergunto, reparando na maneira como o seu lábio superior se contorce quando está a ser atrevido.

— Bem... — Toda a sua postura muda. O olhar semicerra-se. A respiração abranda. O Conor humedece os lábios. — Se eu não fosse um cavalheiro, talvez tentasse fazer algo como prender-te o cabelo atrás da orelha. — Ele roça a ponta dos dedos no meu cabelo. Depois no meu pescoço. Um leve toque de pele com pele.

O meu pescoço fica todo arrepiado e a minha respiração prende-se na garganta.

— E passava-te um dedo pelo ombro.

Ele fá-lo, acelerando-me a pulsação. Cresce um ardor dentro de mim.

— E passava por aqui até... — Ele chega à alça do meu sutiã. Não me apercebi de que estava à mostra, com a camisola de decote em V descaindo-me do ombro.

— Pronto. Calma, rapaz. — Recuperando a compostura, afastou-me a mão e ajeitou a manga. Porra, este gajo devia trazer uma etiqueta de aviso. — Acho que já percebi.

— És estupidamente atraente, Taylor. — Desta vez, ao ouvi-lo, não duvido da sua sinceridade, embora talvez da sua sanidade. Alguém como ele não teria fama de mulherengo se fosse esquisito. — Livra-te de acreditares no contrário.

É o que acontece nas horas seguintes. Permito-me fingir que alguém como o Conor Edwards gosta realmente de mim.

Ficamos deitados no casulo ridículo da coleção de peluches da Rachel, conversando como velhos amigos. Surpreendentemente, não temos falta de assunto, não há pausas na conversa. Passamos de temas banais, como a nossa comida favorita e apreciação mútua de filmes de ficção científica, a outros mais sérios, como o facto de me sentir deslocada em relação às minhas colegas da república, e outros hilariantes, como quando ele tinha 16 anos e se embebedou depois de um jogo fora de casa, em São Francisco, mergulhando na baía com a intenção de nadar até Alcatraz.

— Apareceu a merda da Guarda Costeira e... — Ele interrompe-se a meio da frase, bocejando com alarde. — Fogo, mal consigo manter os olhos abertos.

Sou contagiada pelo seu bocejo e cubro a boca escancarada com o antebraço.

— Também eu — digo, sonolenta. — Mas não saímos deste quarto até acabares essa história, porque, porra, eras mesmo um puto estúpido.

O meu comentário provoca uma onda de riso no deus nórdico ao meu lado.

— Não é a primeira vez que ouço isso e não será a última.

Quando ele acaba de contar a história, estamos os dois aos bocejos, pestanejando rapidamente para nos mantermos acordados.

Segue-se uma discussão extremamente estúpida e letárgica enquanto tentamos reunir forças para nos levantarmos.

— Devíamos ir andando lá para baixo — murmuro.

— Hum-hum — murmura ele.

— Tipo agora.

— Hum, boa ideia.

— Ou talvez daqui a cinco minutos. — Bocejo.

— Sim, cinco minutos. — Ele boceja.

— Está bem, fechamos os olhos durante cinco minutos e depois levantamo-nos.

— Vamos só descansar os olhos. Os olhos cansam-se, não é?

— É verdade.

— Olhos cansados — murmura sob as pestanas grossas —, e eu tive um jogo esta noite, fiquei um bocado amassado, por isso bora só...

Não ouço o resto da frase, pois adormecemos os dois.

## E se aquele desafio fosse apenas o início de algo para o qual nenhum dos dois estava preparado?

Taylor Marsh há muito que se debate com inseguranças em relação ao seu corpo e a rapazes, e o facto de agora pertencer a uma república cheia de raparigas maldosas não a está a ajudar a ganhar confiança. É por isso que, quando as colegas da Kappa Chi lhe lançam um desafio durante uma festa, ela não consegue dizer que não, apesar do desconforto que sente.

O que lhe pedem é que seduza um dos rapazes ali presentes: nada mais nada menos do que Conor Edwards, o jogador de hóquei mais atraente do terceiro ano. Habitado a ter todas as raparigas que quer, Taylor achava impossível que Conor sequer olhasse duas vezes para ela. Mas, depois de se encher de coragem e pedir a Conor que fingisse estar a ser seduzido, Taylor mal pode acreditar que ele alinha na brincadeira e a deixa levá-lo para o quarto.

E, embora pareça de loucos, a verdade é que ele quer continuar a fingir. Afinal, Conor adora jogos, e andar a enganar aquelas miúdas maldosas parece-lhe bastante divertido. Mas para Taylor começa a ser quase impossível resistir aos seus encantos, até porque a convivência com ele já lhe mostrou que por debaixo daquele ar de playboy existem muitas mais camadas.

Da mesma série:



Penguin  
Random House  
Grupo Editorial

[www.penguinlivros.pt](http://www.penguinlivros.pt)

@topseller.suma

penguinlivros

ISBN: 978-989-589-779-7



9 789895 897797